DOSSIÊ

GÊNEROS LITERÁRIOS NO LONGO SÉCULO XVIII (1660-1832)

APRESENTAÇÃO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i254p101-105>

Publicados em 1762, os *Elements of Criticism*, do escocês Henry Home, ou Lorde Kames, apresentam-se, em sua instância prefacial, como uma tentativa de se converter a crítica e, por implicação, o estudo dos “princípios das belas artes” numa “ciência racional”.¹ Tamanha confiança intelectual, contudo, parece desmoronar 635 páginas depois de tão solene e ambiciosa declaração de intenções, quando Kames se confronta com a noção de gênero literário. Numa nota ao parágrafo de abertura do Capítulo XXII, “Epic and Dramatic Composition”, pondera que “[c]omposições literárias se sobrepõem umas às outras, exatamente como as cores: em seus tons mais fortes, são facilmente reconhecíveis; mas se manifestam com tamanha variedade e sob formas tão diferentes, que jamais conseguimos dizer onde uma espécie termina e a outra começa”.²

A formulação tateante de Kames, que a um só tempo afirma e desconstitui a tipologia literária legada pela tradição, é sintomática da produção ficcional, crítica, filosófica e científica do chamado “longo século XVIII”. Saturado pelo embate, nas exposições seminais de J. C. D. Clark,³ entre o idioma da “aliança dinástica” e as “linguagens da liberdade”, o período compreendido entre a Restauração dos Stuarts, em 1660, e a Grande Reforma Eleitoral de 1832 distingue-se tanto pela cristalização de novos gêneros literários quanto pela persistência das convenções formais provenientes do Renascimento.

Foi com o intuito de se debater esse quadro fertilmente contraditório que se organizou – com o suporte decisivo do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP e do Laboratório de Estudos do Romance – o “Colóquio Gêneros Literários no Longo Século XVIII (1660-1832)”. Entre os dias 23 e 25 de agosto de 2017, pesquisadores de diversas especialidades se reuniram para apresentar, discutir e apreciar vinte e sete *papers* que, em seu conjunto,

¹ HOME, Henry (Lord Kames). *Elements of Criticism*. Ed. Peter Jones. Indianapolis: Liberty Fund, 2005, v. 1., p. 14.

² “Literary compositions run into each other, precisely like colours: in their strong tints they are easily distinguished; but are susceptible of so much variety and of so many different forms, that we never can say where one species ends and another begins” (idem, v. 2, p. 649, n.).

³ Ver as duas obras complementares de J. C. D. Clark: *English Society, 1660-1832: Religion, Ideology and Politics during the Ancien Régime*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 4 e *The Language of Liberty 1660-1832: Political Discourse in the Anglo-American World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-110.

explicitaram alguns dos impasses teóricos e criativos do período, bem como a sua ressonância posterior, nos dois lados do Atlântico. Para tanto, contribuiu o recorte temporal do evento, ainda que anglocêntrico, porquanto nos permitiu enxergar não só pontos de rompimento e inflexão, como a Revolução Francesa e a instituição do império napoleônico, mas também continuidades, resiliências e modulações. A despeito das limitações inerentes a uma publicação acadêmica, o presente dossiê recupera para o leitor, por meio de oito artigos, um pouco das discussões travadas no Auditório Nicolau Sevcenko, na FFLCH-USP.

Em sentido filosófico, a discussão sobre a natureza dos gêneros literários tem como ponto de partida uma reflexão sobre a própria Natureza. É o que leitor encontrará no artigo de Pedro Paulo Garrido Pimenta, *Metafísica da Natureza na época das luzes (Diderot, d'Alembert, Buffon)*. D'Alembert, de um lado, rejeita as acepções filosóficas mais correntes do termo, restringindo-o ao campo da física. Buffon, do outro, compreende a Natureza como uma linguagem que instaura a ilusão do todo coerente. E Diderot, mais radical, vê a Natureza como processo invisível que penetra o âmago da experiência. Numa palavra, para este último, Natureza é vida. Se há ou não uma ordem nela, não sabem. Cabe aquele que dela se ocupa inventá-la. Inventar é também a tarefa do filósofo que recupera um gênero literário bastante difundido na Antiguidade, o diálogo. É possível escrever diálogos na Modernidade, numa época em que o mundo da erudição se afastou da vida comum? Esta é a pergunta que norteia o artigo de Luís Nascimento em *O tema do diálogo em James Harris*. Seguindo o caminho aberto pelo tio, o filósofo Shaftesbury, Harris escolheu a forma diálogo para uma de suas mais importantes obras: *Um diálogo sobre as artes*. Mas há uma estranheza na forma. O diálogo é narrado e essa intermediação se justifica pelos próprios tempos modernos, pela artificialidade no qual se dá o reencontro entre filosofia e erudição.

Forma e vida se encontram no célebre romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusoé*, tema do artigo de Daniel Bonomo: *'Experimentum in insula': Robinson Crusoé nas origens do aborrecimento*. Movido pela fuga do tédio e pela crença de narrar uma história que convença o leitor de sua veracidade, Robinson Crusoé, a todo o momento, empreende um experimento em sua narrativa que espelha os experimentos da personagem na ilha deserta. O romance ora assume a forma de catálogos mais ou menos detalhados dos seus utensílios, ora de diário ou narrativa autobiográfica de suas aventuras e reflexões. Em ambos os casos, a motivação é a mesma: o que fazer com o tempo quando se tem todo o tempo do mundo? Segundo Bonomo, Crusoé converte a aventura em melhoramento dos serviços diários e, ao fazê-lo, a ação vence a reflexão, o tédio e a melancolia próprias ao temperamento reflexivo. Por uma via distinta, Laurence Sterne, em *Sentimental Journey*, busca um antídoto contra a sensibilidade excessiva e a melancolia que dela decorre, tema do artigo de Sandra Guardini Vasconcelos: *A pena da galhofa e a tinta da*

melancolia em Sentimental Journey. Se Crusoé repele a melancolia, pois vê nela uma ameaça moral e econômica, Yorick, personagem e narrador de *Sentimental Journey*, a acolhe com ambiguidade e ambivalência. A Inglaterra do século XVIII, pátria de Crusoé e dos valores empreendedores e mercantis, foi também a pátria de Sterne, do culto à sensibilidade e daquela que ficou conhecida à época como “The English Malady”, a melancolia. Vasconcelos reconstitui a habilidade de Sterne em mobilizar a linguagem médica e filosófica de seu tempo de modo a injetar-lhe ironia e agudeza (*wit*). Em Sterne, o leitor se depara com uma “erudição brincalhona”, que a um só tempo celebra e escarneia das deficiências e excessos da sensibilidade.

Ficções novelísticas, agora gestadas ou publicadas num ambiente pós-revolucionário, também são o objeto das contribuições de Livia Cristina Gomes e Thiago Rhys Bezerra Cass. Em *Uma questão de tableaux: Sade, vitalismo médico e pedagogia ficcional*, Gomes analisa a incorporação de conceitos, explicações e vocabulário de tratados médicos em *Nouvelle Justine* (1799), do marquês de Sade, por meio da qual se justifica – moral e narrativamente – a caracterização (libertina) das personagens. Em ‘*Será que o antigo preconceito não é forte demais?*’: A União no romance de Jane Austen, Cass traz para o primeiro plano a maneira como os romances de Jane Austen figuram – ou não – a união entre Inglaterra, Escócia e Irlanda. Ainda que seus respectivos objetos se situem em polos opostos do espectro ideológico, bem como em margens opostas do Canal da Mancha, os artigos de Gomes e Cass evidenciam a porosidade do gênero novelístico, sobretudo num contexto de alta voltagem política, a práticas discursivas comumente tidas como não-literárias.

A repercussão temporal e o deslocamento espacial das experimentações formais do longo século XVIII informam os artigos com que se encerra este dossiê. Em ‘*À Roda da Vida*’: escrita de si e persona literária nos ensaios de Charles Lamb e nas crônicas de Machado de Assis, Daniel Lago Monteiro coteja afinidades na configuração da uma persona ficcional nos ensaios de periódicos de Charles Lamb e nas crônicas de Machado de Assis. Nesse processo, colige referências dispersas de Machado à obra de Lamb e, como consequência, insere o mais brasileiro dos gêneros literários, a crônica, num diálogo transatlântico. Em *A viagem sentimental, o folhetim e a política dos jornais: Nerval leitor de Sterne*, Marta Kawano investiga a refiguração de temas e estratégias narrativas de *A viagem sentimental*, de Laurence Sterne, num *feuilleton* intitulado *Les nuits d’octobre* (1852), de Gérard de Nerval, como maneira de se contrapor a originalidade dos *artistes* aos valores burgueses do Segundo Império de Napoleão III. Ao enfatizarem a ressonância dos modelos de Lamb e Sterne em paragens históricas e culturais tão diversas daquelas de que emergiram, Monteiro e Kawano demonstram, indiretamente, a importância de se estudar os gêneros literários sedimentados durante o longo século XVIII.

Antes de passarmos aos artigos que perfazem este dossiê, os organizadores gostariam de agradecer publicamente aos professores Sandra Guardini Vasconcelos e Jorge de Almeida e aos estagiários do LERo, Dino Tsonis (mestrado) e Rafaella Gobbo (graduação). Sem o seu apoio intelectual, institucional e logístico, o Colóquio nunca se materializaria.

Daniel Lago Monteiro (USP)
Thiago Rhys Bezerra Cass (USP)